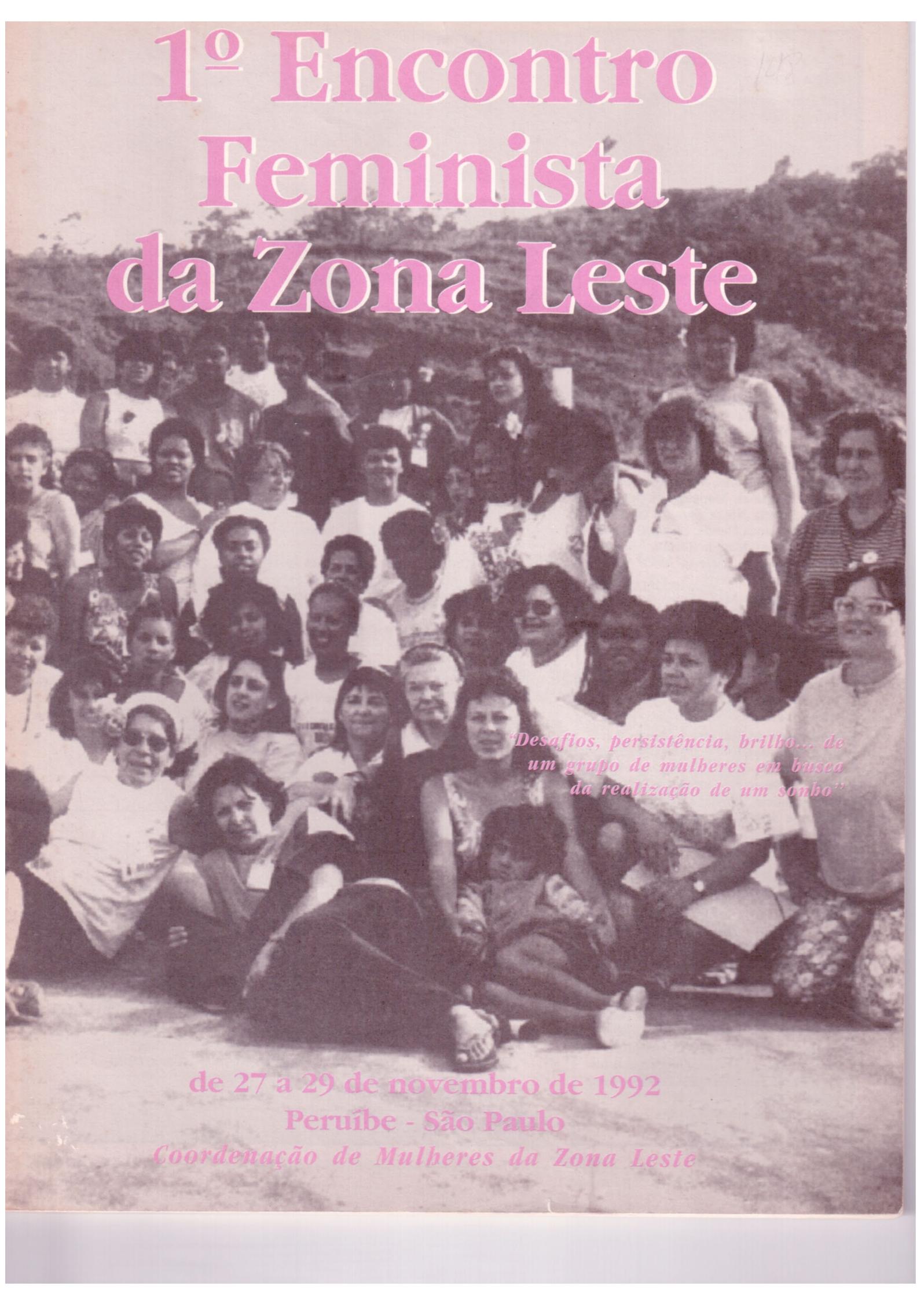


1º Encontro Feminista da Zona Leste



*“Desafios, persistência, brilho... de
um grupo de mulheres em busca
da realização de um sonho”*

de 27 a 29 de novembro de 1992
Peruíbe - São Paulo
Coordenação de Mulheres da Zona Leste

1º Encontro Feminista da Zona Leste

Esta é uma publicação da Coordenação de Mulheres da Zona Leste

Edição geral: Gláucia Matos, Maria Luiza da Costa, Nircéa Fernandes Pimenta, Onóris Ferreira Dias e Patrícia Silva de Carvalho

Projeto Gráfico: Gláucia Matos, Nircéa Fernandes Pimenta, Onóris Ferreira Dias e Patrícia Silva de Carvalho

Editoração Eletrônica: Fábio Pereira

Fotos: Nircéa Fernandes Pimenta

Digitação: Débora Maria Veronese e Maria Luiza da Costa

Textos: Gláucia Matos, Maria Luiza da Costa, Nircéa Fernandes Pimenta, Onóris Ferreira Dias e Patrícia Silva de Carvalho

Comissão Organizadora: Ana Archolb, Carime Mamude Sales Toledo, Connie Pospisil, Denise Pedroso Garcia, Ester de Paula Silva, Gildete Nascimento Santos (Gil), Gláucia Matos, Ildete Silva Barbosa, Katia Valéria Martins, Maria Aparecida de Lima (Cida Lima), Maria de Lourdes Silva Gomes, Maria Niuza Ferreira da Silva, Mercedes Garcia Duarte, Maria Rivaneide Pereira (Riva), Matilde Ribeiro, Neide W. Mendes da Silva, Neleina Alves Araújo, Onóris Ferreira Dias.

Documentação: Maria Luiza da Costa e Maria Otilia Bocchini

Outras participantes da Coordenação de Mulheres da Zona Leste: Cleide Alves, Cleinestela Restau, Maria Benedita Simões Omero, Maria Bernadete Silva Serqueira, Maria Gorette dos Santos Neta, Neife Alves Monteiro e Patrícia Silva de Carvalho.

A realização do Encontro foi possível graças ao apoio da CESE (Coordenadoria Ecu-
mênica de Serviço), Comissão de Mulheres do Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas, Fundação Samuel, Rede Mulher e SOF (Sempreviva Organização Feminista)

Agradecimentos especiais

Ao SOF, pela digitação, editoração eletrônica e acompanhamento editorial

À Fundação Samuel, pela contribuição para a impressão e distribuição

À Ana Archolb e Connie Pospisil, por terem estado conosco durante todo o processo de organização do Encontro e por tudo que fizeram para a construção da Coordenação de Mulheres da Zona Leste. Hoje se encontram em outro estado, continuando a luta.

À todas as companheiras que de alguma forma contribuíram para que o Encontro fosse realizado

Maio 1994

Sumário

Apresentação	3
Um pouco da história do Encontro	4
Abertura do Encontro	5
Grupos discutem feminismo e opressão das mulheres	6
Feminismo e opressão das mulheres	7
Mulher negra e discriminação	7
As conclusões dos grupos	8
Uma definição de oficina	9
Oficinas sobre violência sexista	10
Ações contra a violência sexista	12
A praia.	14
A nossa luta também tem festa	15
As adolescentes	16
A creche	16
Alguns momentos do Encontro	17
Oficinas sobre temas diversos	18
Plenária final	20
Encerramento	22
Avaliação na fala de algumas participantes	23
Perfil das mulheres que participaram do Encontro	24
Avaliação da coordenação do Encontro	25
Agradecimentos	26

Apresentação

No dia 27 de novembro de 1992 um grupo de cem mulheres saiu da Zona Leste de São Paulo com destino a Peruíbe, para participar do 1º Encontro Feminista da Zona Leste.

Eram mulheres vindas de diversos bairros e movimentos da região. Muitas estavam pela primeira vez participando de um encontro feminista e enfrentavam dilemas como: Ir ou não ir? Com quem deixar os filhos? Será que o marido vai brigar? E o serviço da casa?

Mas a curiosidade e o desejo de participar de uma discussão feminista, encontrar pessoas novas, trocar experiências e sair da rotina foram o grande incentivo para enfrentar estas dificuldades, pôr o pé na estrada, estar presente neste acontecimento.

Esta revista tem o objetivo de apresentar diversos momentos do Encontro que, apesar de ter como tema a violência contra a mulher, foi alto astral. Esperamos que esta publicação possa contribuir com o movimento de mulheres, incentivando o diálogo e a reflexão entre as pessoas que trabalham com mulheres.

Coordenação de Mulheres da Zona Leste

Um pouco da história do Encontro

A história recente da Coordenação de Mulheres da Zona Leste, especialmente após a campanha contra o criminoso do ácido, em 1990, que marcou profundamente a vida de dezenas de mulheres, apontava para a necessidade de atividades em que pudéssemos aprofundar nossas discussões e organização em relação ao tema violência.

A campanha para identificar o criminoso do ácido, e exigir sua punição, foi um marco na luta das mulheres da Coordenação. Consolidou o grupo e indicou o caminho contra a violência sexista.

É nesse contexto que surge a idéia de fazer o 1º Encontro Feminista da Zona Leste.

Para inúmeras o Encontro significava o primeiro contato com o feminismo, daí a

preocupação de dar a elas um local com condições de conforto e lazer, onde pudessem participar tranquilamente.

Confirmamos a realização do Encontro para os dias 27, 28 e 29 de novembro de 1992, logo depois do 25 de novembro, Dia Latino-americano e do Caribe pelo fim da Violência contra a Mulher.

Na medida em que incorporamos o Encontro em nosso cotidiano, ele tornou-se nosso. A energia de algumas companheiras contagiou, a confiança permaneceu. A realização desse sonho estava em nossas mãos.

Estávamos tecendo nossa história...

Enfim confirmamos a máxima do encontro: "*A mulher calada jamais será escutada*".



Participantes do 1º Encontro Feminista da Zona Leste

Abertura do Encontro

Para abrir o Encontro de uma forma alegre e descontraída, mas com todos os sentidos voltados para as diversas situações enfrentadas pelas mulheres, a Coordenação de Mulheres da Zona Leste preparou uma peça de teatro, com o objetivo de chamar a atenção das participantes para a

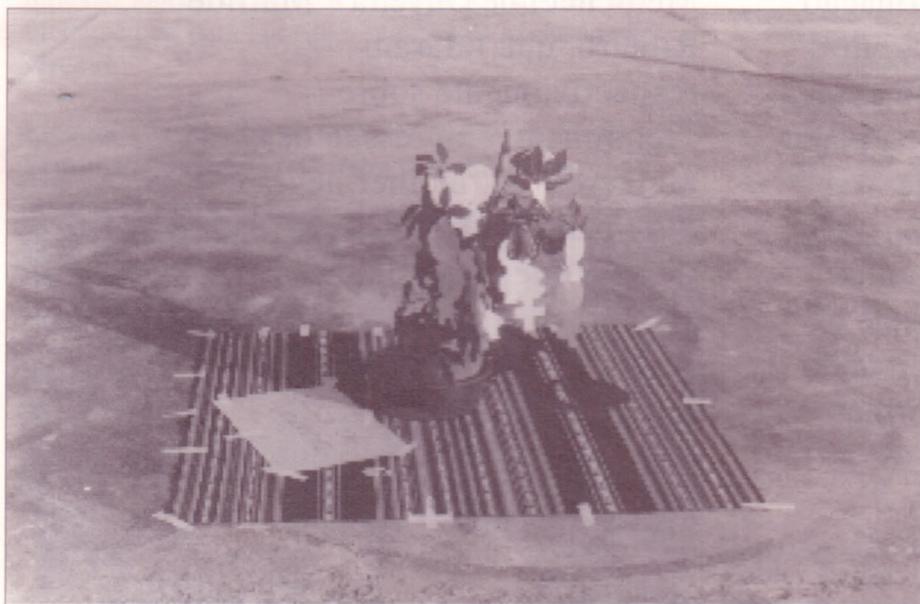
realidade das mulheres da região. Cada integrante da Coordenação representou uma personagem.

Em seguida houve uma dinâmica de relaxamento. Nossa energia formava uma árvore. Depois, distribuímos flores, dançamos, cantamos e demos alguns informes.



O teatro. O ensaio foi corrido. Em uma noite tudo teve que ser feito, ensaiar a peça, decorar os textos e pensar nas roupas a serem utilizadas.

A peça teve temas que provocaram risos na platéia, como por exemplo a cena da mulher que sai tão apressada para trabalhar que esquece de vestir a saia.



Como símbolo da energia do Encontro colocamos uma planta no salão onde eram realizadas as plenárias. Ali as mulheres penduraram suas emoções, pensamentos e avaliações espontâneas escritas em símbolos da mulher. Chamamos a planta de "Árvore da Vida".

Grupos discutem feminismo e opressão das mulheres



Com o objetivo de proporcionar momentos em que todas as mulheres presentes no encontro discutissem os mesmos temas, foi proposta a formação de grupos, para conversarem sobre o tema “feminismo e opressão das mulheres”, a partir de roteiro elaborado pela comissão organizadora.

No roteiro havia perguntas que buscavam saber porque as mulheres estavam participando do Encontro, quais as formas de discriminação contra as mulheres e o que elas

entendiam por feminismo.

As propostas e conclusões foram apresentadas a tarde, após as palestras de Eleonora Menicucci de Oliveira e Matilde Ribeiro, que falaram respectivamente sobre “feminismo e opressão das mulheres” e “mulher negra e discriminação”.

A coordenação da mesa ficou sob a responsabilidade de Maria Teresa Citeli e Maria Rivaneide Pereira.

A seguir trechos do que Eleonora e Matilde falaram.

Feminismo e opressão das mulheres

“Existe a exploração de classe, que divide a sociedade entre capitalistas e trabalhadores (donos do capital x donos da força de trabalho). Além disto, também existe a relação de opressão de um sexo sobre outro, das “fêmeas” pelos “machos”, esta opressão é mantida basicamente pela ideologia, ou seja, pelo modo de pensar.

Tanto a exploração como a opressão baseiam-se numa relação de poder. A partir da determinação biológica macho e fêmea nos tornamos cultural e socialmente homens e mulheres, nesta construção está implícita uma série de valores e padrões de comportamento diferenciados e hierarquizados. Numa relação de gênero “tudo que é masculino é superior ao feminino”.

Existe um divisor de águas importante: a questão racial. Há grande discriminação e desvalorização da raça negra e privilegiamento dos brancos.

Temos assim três pilares que sustentam a triangulação da exploração e opressão de mulheres brancas, negras e negros e trabalhadoras e trabalhadores.

Destacando a questão de gênero, podemos perceber espaços sociais diferenciados para homens e mulheres: o homem é “dono” da rua e a mulher é “dona” da casa, ao homem o espaço público, à mulher o espaço doméstico.

Esta relação de poder se manifesta muitas vezes no corpo da mulher; ele é usado, agredido, violentado. É sobre nosso corpo que recai o uso de métodos anticoncepcionais, a gravidez indesejada, o estupro, a exploração como objeto sexual, a proibição de exercer a sexualidade e expressar o desejo.

Precisamos romper com esta opressão em busca da igualdade de direitos e do respeito às diferenças. A reflexão sobre o corpo da mulher e a sexualidade são fundamentais para pôr fim à situação de exclusão que vivemos.”

Eleonora Menicucci de Oliveira, Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos



Mulher negra e discriminação

“Para falar sobre a realidade de vida das mulheres negras é preciso analisar o processo de opressão das mulheres e dos negros.

A sociedade em que vivemos é demarcada pela exploração, mas além disso, estrutura também a opressão das mulheres e dos negros. A essas opressões incorpora-se a exploração, resultado das relações de trabalho, como um meio eficaz de manter as desigualdades e privilégios de uns em relação a outros. Como exemplo: o patrão em relação ao empregado, o homem em relação à mulher, o branco em relação ao negro.

Desta forma, em uma sociedade exploradora, machista e racista, a mulher negra, com certeza vive uma condição de não ser considerada cidadã, o movimento negro costuma definir por tudo isso que a mulher negra está sujeita a tríplice exploração: enquanto mulher, negra e trabalhadora.

O quadro é de exclusão e de falta de acesso (menor acesso que as mulheres brancas) a trabalho, sistema educacional etc.

Posso exemplificar nestas duas áreas os seguintes pontos: em relação a trabalho: a exigência de um quesito chamado “boa aparência”, que indiretamente quer dizer que não pode ser negro, pois socialmente estes são considerados feios, sujos etc; em relação ao sistema educacional, segundo Paulo Freire, os negros são alvos da chamada “expulsão escolar”, pois são taxados como “menos inteligentes” ou mesmo precisam defender a sobrevivência fora da escola.

Essas discriminações trazem consigo a intenção de desvalorizar e subjugar a mulher negra, gerando o sentimento de “baixa auto-estima”.

Historicamente as mulheres negras e a população negra têm reagido a essa situação, buscando desmascarar esta sociedade racista e se afirmar enquanto cidadãos, buscando a cotoveladas conquistar seus espaços. Quebrando esta lógica que transforma diferenças em desigualdades.”

Matilde Ribeiro, Fórum Estadual de Mulheres Negras

Da esquerda para a direita: Tereza, Matilde e Eleonora

As conclusões dos grupos

O tema e o roteiro eram os mesmos para todos os grupos, mas as expectativas e contribuições em relação a eles foram bastante diferenciadas

O que motivou a participação no Encontro?

Foi grande a variedade de respostas das mulheres: desde as que queriam apenas “observar”, “aprender mais”, passando pelas que querem “estar junto com outras”, “trocar experiências”, “sair do isolamento”, “sentir como se estivesse em família”, “mudar de rotina, não ficar em casa”, “encontrar mais amigas”, “estar com outras”, “conhecer feminismo”, “gosto de participar”.

Muitas vieram com a expectativa de contribuir para a organização das mulheres entre essas estão as que disseram: “lidar com o tema violência”, “poder ajudar outras mulheres”, “a mulher precisa pensar e refletir”, “aprender a lutar”, “passar para as adolescentes”, “trabalhar preconceitos”, “combater machismo”, “discutir os problemas das mulheres”, “buscar melhores condições de vida” e “sair com propostas concretas”.

O feminismo na fala das mulheres

- ter respeito e amor
- grito de independência, liberdade, acordar para a vida
 - não é coisa só de mulher
- não é contra os homens, é contra o machismo
 - conhecer os direitos (nosso papel não é só engravidar e criar filhos)
 - viver a sexualidade
- libertação dos preconceitos e convenções sociais
 - valorização do ser mulher
- não se sentir culpada, responsável por tudo
 - ajudar outras mulheres
 - projeto político para a sociedade (igualdade, respeitar as diferenças, visão de mundo das mulheres, “ser total”)

Como são as diferentes formas de discriminação em relação às mulheres

Família

- é responsável pelo trabalho doméstico
- é educada de forma diferente dos meninos
- aprende que “não pode” ou que “vale menos”
- tem que casar para ser aceita

Educação

- não tem acesso a profissionalização
- a maior parte do aprendizado é informal

Mulher negra

- está sujeita a maior discriminação
- como resultado do processo de discriminação, não aprende a se valorizar

Trabalho

- recebe menores salários
- não é contratada quando é mãe ou está grávida
- tem seu corpo controlado (esterilização, atestado de laqueadura)
- é a primeira a ser demitida
- sofre assédio sexual

Valores

- o modelo de beleza socialmente aceito não corresponde à realidade da maioria das mulheres
- só é bem vista enquanto é jovem
- tem sempre que obedecer
- virgindade vista como demonstração de pureza
- tem que responder a obrigações (ser mãe, fazer os serviços domésticos)



Uma definição de oficina

A pronúncia do nome oficina, para a maioria das pessoas, leva a pensar em lugares para consertar objetos ou realizar atividades. Por exemplo, oficina de costura, de automóveis.

Para nós, mulheres que participamos do movimento feminista, ele tem outro sentido. Nos remete a encontros dos quais participamos e em que compartilhamos nossas experiências e vivências.

No início, as oficinas eram realizadas predominantemente pelos grupos feministas. Hoje o uso de oficinas se ampliou, a maioria dos grupos de mulheres têm utilizado esse tipo de prática.

Com o tempo as técnicas foram aperfeiçoadas e foram incorporadas dinâmicas da psicologia, do teatro e do psicodrama.

Os resultados e as abordagens variam muito de grupo para grupo, não somente enquanto proposta metodológica, mas também enquanto aplicação porque a base é a experiência de vida das integrantes do grupo. Apesar das diversidades elas tem algo em comum: resgatar a experiência das mulheres, os fios que tecem o seu cotidiano. E contribuir para que haja mudanças internas e ações externas.

Nas oficinas consegue-se repassar informações e conhecimentos e contribuir para que as mulheres individualmente e enquanto militantes possam compreender melhor as coisas que acontecem em suas vidas. Na medida em que começam a discutir em grupo vêm maior possibilidade de encontrarem saídas. Percebem que as situações que enfrentam são muito parecidas com as de outras mulheres.

As oficinas hoje são parte importante para a organização e ampliação do movimento feminista.

No 1º Encontro Feminista da Zona Leste, tivemos a preocupação de incentivar a utilização de oficinas. Assim foi em dois momentos do Encontro: um em que simultaneamente diversos grupos realizavam oficinas sobre violência sexista e outro sobre temas variados.

Oficinas sobre violência sexista

No dia a dia as mulheres sofrem inúmeras manifestações de violência sexista, das mais sutis, um gesto, um olhar, às mais truculentas, estupro, morte.

Para compartilhar experiências e contribuir na discussão de propostas para enfrentar essa situação foram realizadas cinco oficinas sobre violência sexista. Cada coordenadora utilizou uma técnica: relaxamento, elaboração de cartazes, relato de vivências, criação de histórias, dramatização, entre outras. E o resultado não poderia ser outro: a descoberta de inúmeras experiências comuns.

Os diferentes tipos de manifestação de violência sexista, as formas de manutenção e superação da violência e os recursos sociais existentes para enfrentá-la: esses foram alguns dos temas abordados na oficina coordenada por Ana Maria Krigner, da Coordenação de Mulheres do ABCDMR



Carime e Nenê, da Associação de Mulheres da Zona Leste, buscaram, com painéis de recortes de jornais e revistas, abordar a violência sexual, a doméstica, a institucional e na saúde



Esperança de superação da violência contra as mulheres. Esse é o resumo apresentado pelas mulheres que participaram da oficina coordenada por Simone Grillo Diniz e Ana Flávia Lucas, do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde. Discutiram entre outras coisas o aborto, as relações sexuais forçadas e o espancamento



Procurar entender as razões que levam às manifestações de violência foi uma das preocupações de Gláucia Matos e Maria Rivaneide Pereira (Riva), da Coordenação de Mulheres da Zona Leste, nas oficinas que coordenaram



Para discutir as situações enfrentadas pelas mulheres negras Maria Lúcia da Silva, Lourdes Araújo Almude e Vanderli Salatiel promoveram uma oficina sobre racismo e violência sexista

Ações contra a violência sexista



Da esquerda para direita: Cida Lima, coordenadora do debate, Maria Amélia, Ana Maria, Gláucia e Simone

Os atos de violência praticados contra as mulheres exigem dos governos políticas públicas que garantam o atendimento às mulheres vítimas de violência e campanhas de prevenção. Construção de albergues, casas-abrigo e ampliação de Delegacias das Mulheres são algumas das reivindicações do movimento. Para falar sobre esses assuntos foram convidadas Ana Maria Krigner, Simone Grillo Diniz, Maria Amélia Telles e Gláucia Matos. Eis alguns trechos de suas falas

“A Assessoria dos Direitos da Mulher de Santo André foi criada em 1989 e contava com três mulheres na coordenação do trabalho. Neste período lutaram pela abertura de uma Delegacia da Mulher no Município e fundaram uma casa de apoio para mulheres vítimas de violência.

Trabalharam nos bairros com grupos de creche, igreja e centros comunitários. Intervieram na elaboração do Plano Diretor com a idéia de “pensar a cidade no feminino”, juntamente com os setores de habitação, Educação, Planejamento Urbano e outros.

Houve um curso de Formação Feminista para Lideranças de Movimentos Sociais realizados em conjunto com o SOF. E também treinamento para funcionários da Prefeitura que atendem as mulheres, em especial a Guarda Metropolitana.

No movimento, a preocupação que se coloca é a continuidade dos serviços públicos específicos para as mulheres numa próxima administração.”

Ana Maria Krigner, Assessoria dos Direitos da Mulher de Santo André

“Após quatro meses de trabalho é fundada a Casa Eliane de Grammont, com a idéia de atender a mulher, reforçando-a como uma pessoa capaz de superar a situação de violência, não como vítima. Depois inauguramos uma casa-abrigo para mulheres com risco de vida. Nos últimos dois anos várias casas-abrigo são abertas no país, o que significa o Estado assumindo sua responsabilidade.

Foi realizado treinamento para funcionários, publicações sobre a questão da violência contra as mulheres, e trabalho com o pessoal do Programa de Saúde da Mulher da Secretaria Municipal de Saúde, nas áreas de aborto legal, atendimento às vítimas de violência e comitês de mortalidade materna.

Trabalhamos também na implantação de lavanderias comunitárias, na elaboração da lei que pune a exigência do teste de gravidez na seleção para emprego, e na pesquisa sobre violência nos serviços de saúde.

Compartilho a mesma preocupação de Santo André. O momento é de resistência.”

Simone Grillo Diniz, Coordenadoria Especial da Mulher de São Paulo

“A União de Mulheres de São Paulo é um espaço de discussão autônomo das mulheres. Até três anos atrás havia uma Coordenação Autônoma de Mulheres, em São Paulo, mas hoje não há mais. Este Encontro poderá contribuir para a retomada da organização feminista em São Paulo.

Historicamente a mulher vem sendo reprimida. Nos últimos tempos denunciávamos situações de violência e reivindicávamos políticas públicas. A partir disto começou a funcionar o COJE com atendimento jurídico, as delegacias da mulher e casas-abrigo. Ocupamos alguns espaços no Estado, ampliando direitos das mulheres e levamos a discussão para alguns sindicatos, igrejas e movimentos populares.

Na Constituição, quase todas as nossas reivindicações foram incorporadas ao texto, porém, algumas conquistas ainda são letra morta na espera de regulamentação e implantação.

As delegacias das mulheres demonstram como, depois de ampla mobilização e discussão, nossa proposta é incorporada pelo Estado, mas acaba distorcida quando se amplia o número de delegacias e diminui muito a qualidade do atendimento.

A impunidade também tem colaborado com a manutenção da violência. As denúncias são tratadas burocraticamente, ameaças registradas em Boletins de Ocorrência transformam-se em assassinatos, e os assassinos, como o Laguiño, de Santos, apesar de condenados, continuam soltos. O Poder Judiciário promove esta impunidade.

Para combatermos todas estas e outras formas de violência, está se formando uma Rede Latino-americana e outra Nacional pelo fim da Violência Doméstica e Sexual contra as Mulheres.

Precisamos discutir neste campo a violência específica contra a mulher negra, os direitos específicos das mulheres, dentro dos direitos humanos em geral. E termos clareza de que não bastará o socialismo para resolvermos nossos problemas específicos.”

Maria Amélia Telles, União de Mulheres de São Paulo

O debate

A mulher que vive uma situação de violência é transformada de vítima em culpada pela sociedade e acaba incorporando esta culpa. Isto não ocorre, por exemplo, quando o grevista apanha da polícia. Apesar de sofrer a mesma pressão social que o transforma de vítima em culpado, não incorpora esta culpa

• Preocupação com a administração Paulo Maluf. As leis devem ser cumpridas e os serviços implantados na gestão Luiza Erundina não devem ser desativados (serviço de atendimento à saúde da mulher, violência, aborto legal e outros).

“Há doze anos o SOF atua na Zona Leste. Várias feministas passaram pela entidade e desenvolveram trabalho de planejamento familiar grupalizado, auto-estima, organização das mulheres e outros. Este trabalho buscava desenvolver uma ação crítica e consciente na área de saúde da mulher.

A AMZOL aglutina mulheres em vários bairros, São Miguel Paulista, Ermelino Matarazzo Itaim Paulista e Guaianazes, e também discute vários temas específicos relacionados ao cotidiano de vida das mulheres.

Essas duas entidades tiveram um papel fundamental na organização do movimento de mulheres na região.

Em 1989 o SOF e AMZOL se juntam para pensar a formação e organização das mulheres na Zona Leste. Preparamos as atividades do 8 de março de 1990 na região e a partir de então estruturamos a Coordenação de Mulheres, juntamente com outros grupos de mulheres, sindicatos e movimentos.

Em janeiro de 1990 começa nossa organização contra o “criminoso do ácido”.

Nossa presença nos encontros feministas foi um marco de fortalecimento da organização das mulheres na região.

Hoje a Coordenação é reconhecida pelo movimento por sua inserção nas lutas reivindicatórias nos espaços de organização e pela sua coerência política de atuação coletiva. Faz parte desse espaço além da AMZOL e SOF, outros grupos de mulheres como: Comissão de Mulheres do Sindicato dos Químicos, MOVA, Mulheres da Casa Pintada, Meninos e Meninas de rua etc.

Para nós este Encontro é decorrência de uma proposta construída nesses três anos de existência, de um esforço coletivo dessas mulheres. Temos como objetivo maior a solidariedade entre nós, buscamos sempre a força necessária para continuarmos nossa luta, com brilho, garra e persistência.

Enfim, nosso trabalho tem sido no sentido de construir o Movimento Feminista e lutar por uma sociedade justa, igualitária, sem discriminação contra as mulheres.”

Gláucia Matos, Coordenação de Mulheres da Zona Leste

• Em casos de violência doméstica e assédio sexual, entre companheiras (os) do movimento ou de sindicato, temos que ter ações políticas, tais como: exigir a instalação de comissão de ética e ser solidárias com as mulheres.

• Discutir racismo e feminismo, principalmente hoje que o racismo vem crescendo. Nos organizarmos por etnia e raça.

• Código Penal: necessidade de mudar crimes contra as mulheres do capítulo de crimes contra os costumes para o de crimes contra a pessoa.

• Políticas públicas (intervenção, ação e prestação de serviços): albergues, casa-abrigo e delegacia de mulheres.

A praia

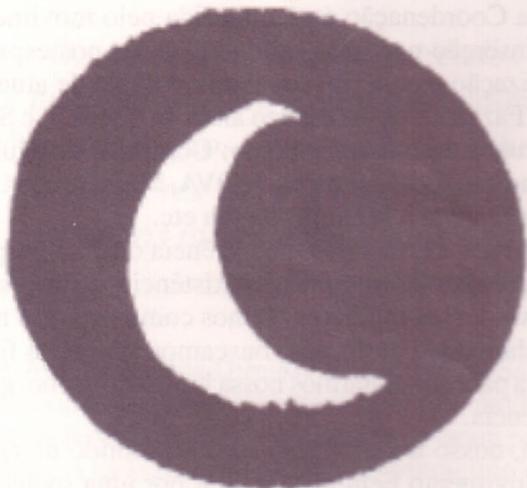
Se existir céu é aqui

Fui uma das primeiras a chegar na areia e a última a sair. Queria aproveitar o máximo possível daquele momento de lazer.

Aos poucos as outras companheiras foram chegando e trouxeram o café para nós que havíamos chegado primeiro. Foi ótimo para entrosamento.

Falamos sobre o que tinha acontecido na dia anterior e durante a viagem.

A brisa do mar e a dança das ondas me fez ver e aceitar com toda clareza o feminismo.



Na nossa luta também tem festa

Sentir a si mesma



Quero entrar nesta festa. Quero entrar nesta dança. O baile começou animado. Tem criança, jovens, tias, avós, mães, mulheres de todo jeito. Tem gente que dança porque gosta e sabe. Tem gente que não sabe e quer saber.

E eu? Entro ou não entro? Será que ainda sei como quando eu era jovem?

Não sei. Faz tanto tempo que não fico só comigo para me divertir que até perdi o jeito.

Esta festa está quente de alegria,

bom astral, cerveja gelada, música gostosa, mulheres interessantes e comida cheirosa. E eu vou ficar aqui passando vontade e com vergonha de entrar no arrasta-pé?

Oh, Meu Deus, ainda tem uma mulher tirando foto da gente o tempo todo! Já pensou depois o povo ver a cara da gente cheia de felicidade por estar se divertindo sozinha, sem filhos e sem marido?

Seja lá o que Deus quiser, eu estou com vontade é de cair nesta gandaia. E lá vou eu.

As adolescentes

No início foi meio difícil o entrosamento das adolescentes com outras mulheres. Houve um pouco de medo de opinar e contrariar as idéias das mais experientes e um pouco de surpresa ao ver a animação das mesmas na festa do sábado. Todas formamos um só corpo, crianças, adolescentes e mulheres, sem medos e sem vergonha de ser mulher e de se mostrar feliz por isso

Minha mãe convidou-me para ir em uma excursão na praia. Bem, eu aceitei na hora, porém não fiquei muito empolgada,

porque ela tinha me dito que lá nós íamos ficar discutindo poderes e forças do feminismo. Chegamos lá à noite e estava um frio e uma chuva terrível.

No dia seguinte tomamos café em comunidade e depois teve trabalhos em grupo. Foi divino! Não imaginava tanta opressão que as mulheres levam na sociedade. À tarde teve oficinas de várias desgraças que acontecem com as mulheres. A noite teve festa das bruxas e foi divertido. No fim do passeio eu quase chorei, achei tudo inesquecível.

A creche

Grupo de quatro crianças e uma pajem. Ao ser entrevistada uma das crianças, Priscila, disse que elas adoraram a idéia de ficar longe das mães, num grupo só delas. Acharam isso importante pois não pretendiam ficar nos grupos participando com as mães. Tiveram várias brincadeiras, uma delas foi conhecer a horta da colônia e mexer com a terra e gostaram muito.



Alguns momentos do Encontro



Aqui a gente pode. É dia e lugar do pode tudo. Viajar, participar de oficinas, debater, participar do teatro, da mesa redonda, almoçar, bater papo, ir à festa e não fazer nada.

Percebi que as mulheres que participam e têm consciência são bem mais bonitas, porque se amam e procuram ser felizes.



Que bom ficar como jacaré no sol. Descansar o lombo e se sentir feliz.

Oficinas sobre temas diversos

Amor entre Mulheres

Nessa oficina, coordenada pelo Coletivo de Feministas Lésbicas, discutiu-se o amor entre mulheres como forma possível de um amor saudável.

Para tratar do tema debateu-se questões como mulher lésbica e maternidade, preconceito, a participação nos movimentos, a paixão entre mulheres e o dia-a-dia das lésbicas.

Para dinamizar a discussão utilizaram aquecimento, pega-pega, cochicho e conversa.



Jornal Vivo

De posse de algumas fotos, recortadas de revistas e outras publicações, as participantes da oficina, que foi coordenada por Flávia Pereira Souza, da Casa Lilith, se dividiram em grupo e criaram notícias a partir da leitura que fizeram de cada foto.



Mulher Negra

Debater a identidade de gênero, raça e classe. Esse foi o objetivo da oficina coordenada por Gevanilda G. dos Santos (Gê) e Maria José Pereira (Majô), da Soweto Organização Negra. A partir da identificação de fotos de mulheres negras discutiram as histórias de vida e questões relacionadas à organização das mulheres negras.



Auto-estima

Muitas mulheres nunca tiveram a chance de pensar no que elas mais gostam nelas mesmas. A vivência foi boa, mas não muito íntima. Essa foi a conclusão de Ana Archolb e Connie Pospisil, da AMZOL, que coordenaram os trabalhos da oficina. Utilizaram a técnica do relaxamento, massagem, respiração e a partilha com o grupo, através de um papel escrito das qualidades que mais apreciavam nelas.





Direitos Reprodutivos

A oficina, coordenada por Simone Grillo Diniz e Ana Flávia Lucas, do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, utilizou a dinâmica do trabalho corporal e da discussão em grupo, e abordou o direito ao livre exercício da sexualidade, ao prazer, à maternidade, ao serviço público de saúde e ao aborto, como parte dos direitos reprodutivos.



Metodologia de Educação Popular Feminista

A oficina coordenada por Hilda Fadiga, da Rede Mulher, buscou trabalhar momentos importantes no trabalho com mulheres: reflexão e análise da ação. Pensando em mim, pensando em nós e a partir daí pensar nas condições para construir um trabalho metodológico.



Sexualidade

Maria Teresa Citeli e Denise Pedroso Garcia, do SOF, utilizaram a técnica do sim e do não. Para isso apresentaram dez perguntas que as mulheres iam respondendo sim ou não. A partir dessa dinâmica discutiu-se prazer, orgasmo, homossexualidade, afeto, experiências pessoais.



Racismo e Violência

A opressão e discriminação racial em relação as mulheres foram temas discutidos pelas mulheres que participaram da oficina sobre Mulher Negra coordenada por Maria Lúcia da Silva, Lourdes Araújo Almudi e Vanderli Salatiel, do Geledés - Instituto da Mulher Negra.

Plenária final diversos

“Andar pela sala, respirar profundamente, ver como está o corpo. Observar as pessoas que encontra nesta caminhada, identificar o que os olhos transmitem. Procurar lembrar como chegou ao Encontro, o que aconteceu, o que mais chamou a atenção, o que aprendeu, o que trocou...”

Verificar nas paredes os cartazes com as propostas que surgiram no Encontro, marcar com um X as que considera importantes, parar em frente a que considera prioritária, em conjunto com as demais mulheres, discutir as formas de encaminhamento e anotar as propostas no cartaz”

Eis o resultado:

1. Mulher negra

- valorizar a identidade e cultura
- combater e denunciar o racismo
- enfrentar os preconceitos e discriminação

Como pôr em prática?

- dar informação
- conscientizar e participar
- realizar cursos informativos e de formação
- pesquisar
- denunciando em público o que acontece na realidade
- trabalhar para que todas adquiram a consciência de que devem se assumir enquanto negras.
- assumir a luta contra os neo-nazistas porque é o negro e principalmente a mulher negra que é vítima
- cultivar a cultura afro-brasileira
- conscientizando que todos têm os mesmos direitos
- lutar contra o racismo - independentemente da cor, raça e religião
- criando grupos nas periferias

2. Saúde

- atenção à saúde integral da mulher
- fim da esterilização
- direito de ter ou não filhos (aborto legal, acesso a métodos contraceptivos, informação etc)

Como pôr em prática?

- fortalecer o movimento
- convidar mais pessoas
- conscientizar a população
- indo aos postos de saúde e hospitais
- conscientizar os governantes para a saúde
- melhorar o atendimento em hospitais
- aumentar a organização
- ser de fato solidárias com os problemas das companheiras
- lutar para que haja planejamento familiar nos postos de saúde municipais e estaduais

3. Trabalho

- igualdade de salário
- acesso e permanência no emprego
- denúncia de situações de exclusão (exigência de boa aparência, atestado de laqueadura, idade, opção sexual etc.)

Como pôr em prática?

- união e participação nos movimentos, associações, grupos e sindicatos não-pelegos

4. Sexualidade

- liberdade de manifestação
- respeito aos direitos e vontades
- direito a informações corretas
- mulher deve ser dona do seu corpo
- orientação para adolescentes

Como pôr em prática?

- promover oficinas
- organizar o movimento de mulheres
- editar publicações
- aproveitar de todos os espaços para sermos agentes multiplicadores
- aproveitar espaço da mídia (um sonho que queremos realizar)
- difundir a educação não diferenciada

5. Organização

- sair do isolamento
- trocar experiência, integração
- quebrar tabus e preconceitos
- buscar melhor condições de vida
- feminismo incorporar as diversidades (mulher negra, nordestina)
- buscar garantir as conquistas do movimento (leis, coordenadorias, ocupação do espaço público)

Como pôr em prática?

- envolver as secretarias ou comissões de mulheres dos sindicatos e partidos nas atividades da coordenação da Leste
- articular os grupos de mulheres nos bairros, vilas etc
- juntar as mulheres e partir para a luta
- articular gênero, raça e classe nas organizações
- deliberar sobre os pontos de unidade e reflexão sobre os pontos divergentes
- reforçar os grupos que já existem
- lutar pela união e organização dos movimentos

6. Violência

- lidar com o tema como um problema social
- implementação de políticas públicas
- alteração e cumprimento da legislação
- combate e denúncia
- lutar pela formação de comissões de ética nos partidos, movimentos, sindicatos etc
- criar espaço de articulação sobre violência em São Paulo

Como pôr em prática?

- fortalecer a organização
- união e ação imediatas
- denunciar aos órgãos competentes os atos de violência
- criar mais sistemas de apoio e defesa da mulher
- praticar defesa pessoal, capoeira e outros tipos de lutas

7. Educação

- educar para a igualdade não-sexista e não-racista
- acesso a instrução e profissionalização

Como pôr em prática?

- realizar oficinas
- formar grupos de estudo
- implantar, nas escolas de primeiro grau, programas de aulas com profissionais capacitados a tirar as dúvidas e tabus da cabeça das crianças
- orientar filhos, parentes e amigos a ter pensamentos não-racistas
- reorganizar o movimento de educação com a participação dos grupos de mulheres, pais, alunos e professores
- orientar as pessoas para que entendam que todo o ser humano é igual perante a lei

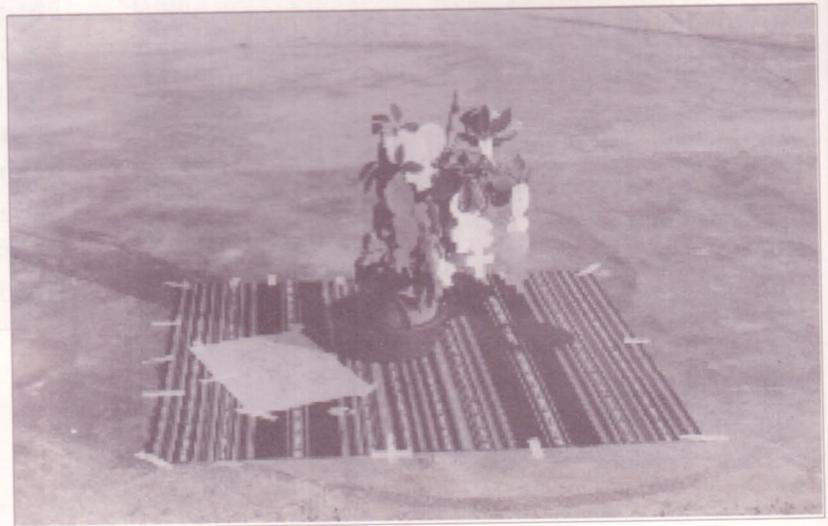
Encerramento

Nos reunimos num círculo com a árvore do Encontro no meio. Ao ar livre nos viramos para o mar trazendo com um movimento corporal a energia da água para dentro de nossos corpos. Chamamos também as forças dos elementos ar, fogo e terra com movimento corporal. Depois de chamar a força dos elementos, também chamamos a força das companheiras que não estiveram presentes fisicamente mas

estiveram no Encontro em espírito: Cida Kopkac, Noêmia, Beth Lobo, Penha, Margarida Alves, Teresinha Vieira, Dona Dalva e Luiza Erundina. Todo mundo respondeu com o canto, "coragem, princípio, ternura, loucura - mulher, irmã, companheira, guerreira - Mulher". Lembrando da nossa própria energia, olhando uma para a outra. Trocamos beijos para terminar.



Ritual das bruxas



Mulheres. Esta é uma semente germinada em nossa consciência coletiva. Que bom saber que estando juntas poderemos transformar este legado por nós herdado dos nossos antepassados. Por isso, mulheres, vamos à luta para que possamos mudar tudo isso que está aí nos violentando. AXÉ!

Avaliação na fala de algumas participantes

Na avaliação escrita nem todas colocaram seus nomes. Mas deixaram impressas opiniões e sentimentos sobre o Encontro

“Descobri que eu era feminista, por tudo que eu faço. Já lutava pelos meus ideais. Pensava que ser feminista era coisa de sapatão, tinha medo. Descobri que não era isso. A partir do encontro ainda continuo com algumas dúvidas.”

Lurdinha

“Não vou esquecer esta data tão importante para mim, foram novas experiências que vi e ouvi, quero continuar a viver tudo isso. Parabéns a esta grande equipe de organização.”

“Este é um momento que devemos aproveitar até a última gota, porque precisamos voltar para nossas casas, reproduzir o que foi ouvido aqui e conscientizar mais mulheres para participar. Deixo aqui meus parabéns pela organização da coordenação. Quero engrossar este time”

“As dúvidas que eu tinha sobre o feminismo foram todas esclarecidas no Encontro, tanto que encontrei forças para ajudar a companheira que iria fazer o aborto e me coloquei à frente de todas para pedir o dinheiro necessário. Se a questão da mulher e do feminismo não estivessem tão claras, eu creio que não teria chegado nem a pensar em falar tudo aquilo. O que mudou na minha vida foi o sentimento de liberdade e entrosamento que desde então não me deixou mais.”

Firmina

“O encontro foi ótimo, tipo assim, amor à primeira vista. Ele me ajudou a crescer no sentido de esclarecer para mim o que é ser feminista, até então não estava claro. Eu sempre me enrolava quando as pessoas me questionavam. Era complicado para mim dizer: sou feminista. Eu achava que para ser feminista teria que defender todas as questões feministas, sem exceção. E no Encontro aprendi que assim como todos os movimentos, o movimento feminista não é perfeito. E com a luta de todas nós mulheres, vamos caminhando para cada dia ficar melhor. Depois do Encontro, hoje eu posso dizer sem medo: sou feminista com muita honra. Erro as vezes como mulher, como feminista, mas me questiono, me corrijo. E tudo isso não me tira o direito de dizer: sou feminista.”

“O que marcou muito foi a descoberta da auto-estima. Trabalhar comigo mesma, me perceber. O ritual com os quatro elementos, terra, água, fogo e ar mexeu comigo. O encontro foi diferente dos outros, com aprofundamento das coisas que falam da vida da mulher, das nossas vidas. Havia pensado em não vir porque achava que era só discurso, mais nada. Foi o contrário. O feminismo, as mulheres nesse encontro, bateu muito forte e mexeu muito comigo.”

Lúcia

“Nunca tinha visto tantos sorrisos de mulheres como vejo agora.”

Perfil das mulheres que participaram do 1º Encontro Feminista da Zona Leste

Faixa etária

Até 20 anos	10
De 20 a 25 anos	7
De 26 a 30 anos	13
De 31 a 40 anos	17
De 41 a 50 anos	31
Mais de 50 anos	19

Cor/raça

Branca	54
Mestiça	17
Negra	26

Você participa de algum movimento

Sim	78
Não	15
Não respondeu	4

Qual a situação de trabalho

Dona de casa	20
Com carteira assinada	29
Desempregada	3
Outra	43
Não respondeu	2

Faixa salarial

Até um salário mínimo	9
De um a dois salários mínimos	12
De dois a quatro salários mínimos	28
De quatro a oito salários mínimos	11
Mais de oito salários mínimos	14
Sem renda	

Já trabalhou na roça

Sim	28
Não	63
Não respondeu	4

Situação conjugal

Solteira	28
Casada	48
Separada	13
Viúva	6
Não respondeu	2

Número de filhos

Nenhum	32
1 filho	12
2 filhos	22
3 filhos	12
4 filhos	5
5 filhos	5
Mais de cinco filhos	7
Não respondeu	1

Estado de nascimento

Alagoas	3
Bahia	12
Espírito Santo	1
Mato Grosso do Sul	1
Minas Gerais	10
Paraná	2
Pernambuco	7
Portugal	1
Rio de Janeiro	1
Rio Grande do Norte	1
São Paulo	53
Não respondeu	2

Grau de escolaridade

Primário incompleto	11
Primário completo	13
1º grau incompleto	10
1º grau completo	10
2º grau incompleto	11
2º grau completo	12
Universitário incompleto	7
Universitário completo	22

Você é feminista

Sim	70
Não	18
Não respondeu	9

Já sofreu alguma forma de violência

Sim	60
Não	31
Não respondeu	6

Agradecimentos

Convidadas para os debates e oficinas

Painel: Feminismo e Racismo

Eleonora Menicucci - Rede Nacional Feminista Saúde e Direitos Reprodutivos
Matilde Ribeiro - Fórum Estadual de Mulheres Negras

Oficinas de Violência Sexista

Ana Maria Krigner - Pref. Municipal de S. André
Carime Mamude Sales Toledo - AMZOL
Maria do Rosário Ramalho Oliveira - AMZOL
Simone Grillo Diniz - Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde
Flávia Pereira de Souza - Casa da Mulher Lilith
Maria Rivaneide Pereira - Coordenação de Mulheres da Zona Leste
Gláucia Matos - Coordenação de Mulheres da Zona Leste

Mesa Redonda: Formas de Intervenção em Relação à Violência Sexista

Ana Maria Krigner - Pref. Municipal de S. André
Simone Grillo Diniz - Pref. Municipal de S. Paulo
Maria Amélia Telles - União de Mulheres de São Paulo
Gláucia Matos - Coordenação de Mulheres da Zona Leste

Oficinas de Temas Variados

Amor entre Mulheres - Coletivo de Feministas Lésbicas
Jornal Vivo - Flávia Pereira de Souza - Casa Lilith
Mulher Negra - Maria José Pereira e Maria Gevanilda G. dos Santos - Soweto
Auto-estima - Ana Archolb e Connie Pospisil - AMZOL
Racismo e Violência - Maria Lúcia da Silva, Lourdes Araújo Almudi e Vanderli Salatiel - Geledés Instituto da Mulher Negra
Metodologia de Educação Popular Feminista - Hilda Fadiga - Rede Mulher
Sexualidade - Denise Pedroso Garcia e Maria Teresa Citeli - SOF
Direitos Reprodutivos - Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde - Ana Flávia Lucas e Simone Grillo Diniz

Grupos e entidades presentes no Encontro

AMZOL Associação de Mulheres da Zona Leste
Associação de Mulheres de São Miguel
Associação de Mulheres da Vila Mara
Casa Lilith
CECOPI Centro dos Comunicadores Populares do Itaim Paulista
Coletivo de Feministas Lésbicas
Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde
Comissão Estadual de Mulheres do PT
Comissão de Mulheres do Sindicato dos Químicos e Farmacêuticos
Comitê de Mulheres de São Bernardo do Campo
Coordenação de Mulheres da Zona Leste
Coordenação de Mulheres do ABCDMR
Geledés Instituto da Mulher Negra
Grupo de Mulheres da Casa Pintada
Grupo Verde Lilás
MOVA Movimento de Alfabetização
Movimento de Educação
Movimento Estudantil
Movimento Meninas e Meninos de Rua
Movimento de Moradia
Movimento de Moradia da Baixada
Movimento de Saúde da Zona Leste
Pastoral da Criança
Pastoral da Família
Projeto Habitacional Vila Mara
Rede Mulher
Sindicato dos Servidores Municipais
SOF Sempreviva Organização Feminista
Soweto Organização Negra
União de Mulheres de São Paulo

*“Nós mulheres estamos de parabéns,
cada vez que participo de um encontro
eu sinto que nossas lutas valem a pena.*

*Aqui, conversando,
me dá uma força muito grande
para nunca deixar de lutar.*

*Vamos lá mulheres,
prá luta!”*



COORDENAÇÃO DE MULHERES
DA ZONA LESTE

Av. Tenente Laudelino Ferreira do Amaral
nº 170 - Sala 2 - Via Jacui
São Miguel Paulista - CEP 08060-000
São Paulo / SP - Brasil



“Que se realize o sonho de todas nós, igualdade a todas as crianças, mulheres, negros e outros grupos que sofrem qualquer tipo de discriminação. Que a luta dure para sempre, para que tudo se torne realidade.”